



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA OZILEIDE VIEIRA VICENTE

AVALIAÇÃO ESCOLAR: desafios e perspectivas.

ITAPORANGA – PB
2014

MARIA OZILEIDE VIEIRA VICENTE

AVALIAÇÃO ESCOLAR: desafios e perspectivas.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Íris Maria Barbosa Alves

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V632a Vicente, Maria Ozileide Vieira

Avaliação escolar desafios e perspectivas [manuscrito] :
desafios e perspectivas / Maria Ozileide Veira Vicente. - 2014.
26 p.

Digitado.

Monografia (Especialização Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Íris Maria Barbosa Alves, Departamento de
Educação".

1. Avaliação escolar. 2. Professor avaliador. 3. Instrumentos
de avaliação. I. Título.

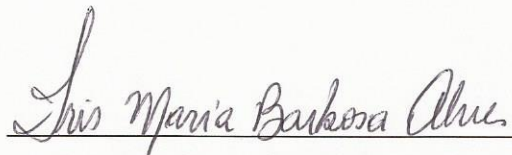
21. ed. CDD 371.27

MARIA OZILEIDE VIEIRA VICENTE

AVALIAÇÃO ESCOLAR: desafios e perspectivas.

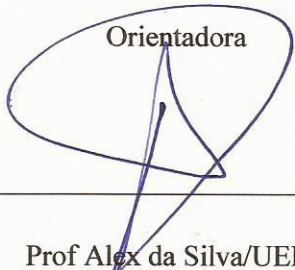
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14/06/2014.



Profª Íris Maria Barbosa Alves / UEPB

Orientadora


Prof Alex da Silva/UEPB

Examinador


Profª Regimênia Maria Braga de Carvalho/UEPB

Examinadora

Dedico este trabalho a minha família, amigos e colegas que me ajudaram; pela compreensão e carinho dado por cada um nesta caminhada em busca de conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela coragem e determinação concedida;

Aos meus filhos, pelo apoio que me foi dado;

Aos mestres, pelo conhecimento repassado;

Aos amigos e/ou colegas de turma, pelo incentivo;

À minha orientadora, pelo empenho e esforço.

A Educação tem raízes amargas, mas os frutos
são doces.
(Aristóteles)

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas concepções e preocupações sobre um tema muito abrangente que é avaliação no contexto escolar, considerada importante, porém difícil de ser exercitada, pois avaliar é uma tarefa que exige dos sujeitos envolvidos nesse processo, certa objetividade e clareza. Entretanto, apesar das dificuldades na sua realização, não se trata de algo inatingível e sim de algo que pode possibilitar a minimização ou a eliminação das dificuldades na aprendizagem, como também corrigir as falhas, objetivando que o educando continue progredindo. No entanto, quando nos deparamos com o momento avaliativo, faz-se necessário pensar em questões como: O que é avaliar? Como vou avaliar? Tais reflexões foram problematizadas nesse trabalho organizado em três capítulos: no Capítulo I, denominado “a avaliação no contexto escolar”, objetivamos problematizar, brevemente, a avaliação ocorrida no âmbito escolar, bem como construindo um paralelo entre avaliação tradicional e avaliação contínua. No capítulo III, apresentamos os tipos e instrumentos de avaliação. Finalmente, o capítulo II, intitulado “o professor exercendo o seu papel de avaliador”, discute os posicionamentos do professor enquanto avaliador, considerando tal modo adotado de avaliar a aprendizagem dos alunos, estreitamente vinculado ao modo dele significar o processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação escolar. professor avaliador. tipos e instrumentos de avaliação.

ABSTRACT

This paper presents some concepts and concerns over a very broad topic that is reviewed in the school context, considered important, but hard to be exercised, since evaluate is a task that requires the subjects involved in this process, certain objectivity and clarity. However, despite the difficulties in its implementation, it is not unattainable but something which can enable the minimization or elimination of the difficulties in learning, as well as fix the flaws, in order to keep the student progressing. However, when faced with the evaluative moment, it is necessary to consider questions such as: What is evaluation? How will I evaluate? Such reflections were problematized in organized labor in three chapters: Chapter I, called "the assessment in the school context", aimed discuss, briefly, the evaluation took place in the school, as well as building a parallel between traditional assessment and continuous assessment. In Chapter III, we present the types and assessment tools. Finally, Chapter II, "the teacher exercising its role as evaluator," discusses the positioning of the teacher as evaluator, considering such adopted to assess student learning so closely linked to his mean the process of teaching and learning mode.

KEYWORDS: school evaluation. assessing teacher. types and assessment tools.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I- AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	11
CAPÍTULO II- TIPOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO.....	17
CAPÍTULO III- O PROFESSOR EXERCENDO O SEU PAPEL DE AVALIADOR.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca intensificar e especificar práticas concretas de avaliação e seus diferentes meios utilizados no processo ensino e aprendizagem. A Avaliação escolar deve ser um processo contínuo que tem como objetivo oferecer meios de aprendizagem ao aluno que por um motivo ou por outro não conseguiu êxito. Então, essa é a finalidade da avaliação.

Quando se faz necessário um reforço de revisão de conteúdo é preciso buscar metodologias que supere a dificuldade do educando e por meio da avaliação contínua é possível detectar se houve o avanço necessário.

A avaliação não deve ser um ato frio e mecânico, mas um instrumento capaz de indicar uma melhoria da qualidade do ensino e, se possível, estabelecer uma relação menos hierárquica entre professor e aluno.

Segundo Gardinet (1986), avaliação é o desafio mais difícil, pois quase sempre se falará metaforicamente da observação de um objeto. Epistemologicamente, exige mudanças metodológicas e profissionais, precisamente no campo educacional neste novo século.

Neste trabalho buscar-se-á aproximar-nos das práticas concretas de avaliação de aprendizagem para tornar-se um referencial nas escolas públicas com o interesse de aperfeiçoar qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem.

Como avaliamos nosso aluno? Cabe a nós educadores a cada dia nos avaliarmos buscando métodos novos e práticas renovadas para melhor lecionarmos e melhor avaliarmos. É preciso cultivar em nossas escolas práticas que avaliem, visando o desenvolvimento, respeitando suas individualidades, de forma significativa, para uma melhor aprendizagem.

Este trabalho, então, está organizado na seguinte forma: no Capítulo I, denominado “a avaliação no contexto escolar”, objetivamos problematizar, brevemente, a avaliação ocorrida no âmbito escolar, bem como construindo um paralelo entre avaliação tradicional e avaliação contínua. No capítulo II, apresentamos os tipos e instrumentos de avaliação. Finalmente, o capítulo III, intitulado “o professor exercendo o seu papel de avaliador”, discute os posicionamentos do professor enquanto avaliador, considerando tal modo adotado de avaliar a aprendizagem dos alunos, estreitamente vinculado ao modo dele significar o processo de ensino e aprendizagem. Ora, para o professor vinculado a avaliação do tipo tradicional, avaliar pra ele é julgar. Em contrapartida, para o professor que adota o método de avaliação contínua, avaliar pra ele é um modo dele saber o que o aluno sabe ou não sabe, para

depois trabalhar, juntamente com o aluno, exatamente aquilo que ele apresenta dificuldade para entender.

A pergunta que fica é: será que todos estão preocupados em definir os rumos de sua prática pedagógica voltada para a transformação social, tendo em vista o avanço e o crescimento do ser humano e não sua estagnação?

CAPÍTULO I - A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Desde a antiguidade que os jovens eram submetidos a testes rigorosos para serem considerados adultos, e se submetiam a provas referentes aos seus costumes. Há milênios que Chineses e gregos criaram critérios para selecionar indivíduos para assumirem determinadas funções. A avaliação passou a tomar rumos, porém estruturais, apenas depois do século XVIII, quando começou a aparecer as primeiras escolas. Nesta época eram usados os exames como forma de avaliação, então, esta ficou associada à ideia de exames, notação e controle, constituindo dessa forma a área de estudos chamada docimologia.

O termo “avaliação educacional” foi proposto primeiramente por Tyler em 1934, na mesma época em que surgiu a educação por objetivos, que tem como princípio formular objetivos e verificar se estes foram cumpridos.

Pode-se ver, então, que a avaliação foi e sempre será um instrumento importante para o desenvolvimento do indivíduo, onde com esta atitude pode-se detectar possíveis problemas e também elaborar possíveis soluções para resolver tais problemas, sempre tendo em vista o sucesso dos alunos nos anos escolares, o desenvolvimento cognitivo dos mesmos, para que eles possam atingir os objetivos muitas vezes estipulados pelas escolas.

Diante de um olhar mais atento às experiências a partir da perspectiva de alguns educadores, a concepção de avaliação parte da construção do referencial teórico/conceitual que orienta a análise que trata o tema da avaliação da aprendizagem escolar no que se refere a reflexão crítica da prática pedagógica.

Para Hoffman (1994), o fenômeno da avaliação é definido de tal maneira que o termo vem sendo utilizado com diferentes significados, relacionados a prática avaliativa tradicional: prova, conceito, boletim, recuperação, aprovação e reprovação. Dar nota é avaliar, e o registro de notas denomina-se avaliação. Ao mesmo tempo outros significados são atribuídos ao tema, tais com análises de desempenho e julgamento de resultado.

As transformações de avaliação são multidimensionais. Uma grande questão é que avaliar envolve valor, e valor envolve pessoa. Nós somos o que sabemos em múltiplas dimensões. Quando avaliamos uma pessoa, nos envolvemos por inteiro, o que sabemos o que sentimos o que conhecemos desta pessoa, a relação que nós temos com ela. E é esta relação que o professor acaba criando com seu aluno. Então, para que ele transforme essa sua prática, algumas concepções são extremamente necessárias. (HOFFMAN, 1994, p. 83)

No contexto educacional a avaliação tem o caráter desafiador para aqueles que lidam com a educação escolar, inclusive a avaliação situa-se no centro de uma questão essencial, paradoxal: a instituição escolar desempenha um papel duplo e contraditório, o de introduzir e acompanhar seus alunos na integração a uma cultura própria da sociedade e, ao mesmo tempo, orientar o processo de seleção e encaminhamento de cada um deles para funções diferentes, mas igualmente necessárias à manutenção dessa sociedade. Segundo Cavallari:

No contexto escolar, de um modo geral, a avaliação formal é representada como um instrumento integrado ao processo de ensino e que possibilita a verificação e classificação da aprendizagem. Sua aplicação e correção dão a ilusão de neutralidade e imparcialidade ao avaliador, já que a prova é considerada como um documento comprobatório da (in)capacidade dos agentes educacionais. No entanto, é justamente na prática de avaliar que a subjetividade do avaliador irrompe, uma vez que toda avaliação também é constituída por um julgamento, isto é, a prática avaliativa pressupõe a atribuição não só de valores numéricos, mas também de julgamentos de valor atrelados às representações e posicionamentos discursivos, portanto, ideológicos, de quem avalia. Sendo assim, avaliação e julgamento se confundem, pois se há avaliação, também há julgamento e vice-versa, embora o resultado quantitativo e aparentemente lógico da avaliação formal mascare as representações provenientes da subjetividade do avaliador. (2005, p. 14)

Essas representações, por sua vez, incidem diretamente na constituição identitária do sujeito avaliado. “O diálogo tem que estar enlaçado ao debate sobre a função social da escola e do conhecimento” (ESTEBAN, 2001, p. 188). Então, por que não utilizar o diálogo como método de avaliação, levando em conta que se pode detectar muitas vezes o aprendizado dos alunos em uma aula dialogada? A avaliação formal é um método usado para reprovar e a avaliação deveria ser um método de detectar falhas e possíveis correções.

O processo avaliativo adotado na escola pública foge, na maioria das vezes, das normas preestabelecidas pela lei de diretrizes e bases, onde na maior parte dos casos a avaliação tem função de aprovar ou reprovar o aluno, pois, neste aspecto, a prova é o principal instrumento, senão o único de avaliação, não contribuindo para o aluno evoluir. Este conceito foge também dos pensamentos da autora Esteban (2001, p. 189) que relata: “a avaliação é um dos processos fundamentais de todo o processo educativo, então, considera-se, mesmo nas práticas cotidianas, de educação informal, tem-se um conjunto de procedimentos de avaliação dessas práticas, desses processos, dos seus efeitos”. Este pensamento mostra que é no cotidiano escolar que se avalia o aluno, e não seria apenas uma prova que determinaria o fracasso de um aluno. Segundo a autora, a avaliação seria um processo, onde se equilibra o processo de ensino/aprendizagem.

Diante de um olhar mais atento às experiências a partir da perspectiva de alguns educadores, a concepção de avaliação parte da construção do referencial teórico/conceitual que orienta a análise que trata o tema da avaliação da aprendizagem escolar no que se refere a reflexão crítica da prática pedagógica.

Para Hoffman (1994), o fenômeno da avaliação é definido de tal maneira que o termo vem sendo utilizado com diferentes significados, relacionados a prática avaliativa tradicional: prova, conceito, boletim, recuperação, aprovação e reprovação. Dar nota é avaliar, e o registro de notas denomina-se avaliação. Ao mesmo tempo outros significados são atribuídos ao tema, tais com análises de desempenho e julgamento de resultado.

As transformações de avaliação são multidimensionais. Uma grande questão é que avaliar envolve valor, e valor envolve pessoa. Nós somos o que sabemos em múltiplas dimensões. Quando avaliamos uma pessoa, nos envolvemos por inteiro, o que sabemos o que sentimos o que conhecemos desta pessoa, a relação que nós temos com ela. E é esta relação que o professor acaba criando com seu aluno. Então, para que ele transforme essa sua prática, algumas concepções são extremamente necessárias. (HOFFMAN, 1994, p 301)

A avaliação é um processo íntegro do crescimento pessoal do aluno, e não apenas demonstração externa de seu desempenho escolar, em função de uma nota ou conceito. Devemos levar em conta o compromisso assumido por nós professores, pois avaliar é muito mais que conhecer os alunos, é reconhecê-los como pessoas que merecem respeito. O que devemos perceber é que, na verdade, o professor é um aprendiz no processo de avaliação, e que os alunos devem ser avaliados como um todo, fazendo-se um estudo de causa, não só conceitos escolares, mas elevando-se em conta a vivência, o histórico de vida deste aluno que está sendo avaliado, e só assim o professor vai conseguir ajudar e orientar.

O professor tem que manter o foco no seu próprio aprendizado, onde se faz necessária uma constante mudança de metodologias, pois quando se está avaliando, se percebe erros que devem ser corrigidos no decorrer do progresso, não podendo deixar que o aluno progrida também sem sanar problemas, tanto na parte escolar, como na parte pessoal. O professor, neste caso, não pode se fazer indiferente aos problemas do aluno.

Tratando-se dos diferentes meios do processo de avaliação escolar, o professor tem dificuldades e, quase sempre, não tem preparo sobre como avaliar, pois a falta de capacitação, nesta área acarreta prejuízos aos alunos, uma vez que as possibilidades de avanços são mínimas, em virtude de vários fatores que amplificam no processo avaliativo.

Os objetivos, explícitos ou implícitos, referem-se a formação de um aluno ideal desvinculado com sua realidade concreta. A avaliação tradicional, por exemplo, nos últimos

anos estava centrada no “Aprender o que?”. Segundo Libâneo: “o professor tende a encaixar o aluno num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura. A matéria de ensino é tratada separadamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida”. (LIBÂNEO, 1994, p. 640)

Atualmente, algumas escolas apresentam a avaliação ainda de forma tradicionalmente conhecida, como realização de testes e provas quase sempre sem haver preocupação com o aprendizado do aluno. Desse modo, algumas dúvidas surgem quando se pensa no real conceito da avaliação da aprendizagem, e a forma como deve ocorrer essa avaliação para garantir que o aluno aprenda o que está sendo proposto. Dai poderíamos pensar na questão: como poderíamos traduzir uma vivência com uma pessoa em números? Como também fazer um teste escrito para um aluno e dele detectar todo aprendizado do mesmo em meses?

É preciso que o educador acorde para os novos métodos de avaliação para que o educando não sofra prejuízo com o método tradicional, hoje pouco utilizado, pois estamos em momento de mudanças, principalmente, quando se refere ao setor educacional e como avaliação é termo imprescindível do processo educacional.

O processo avaliativo deve ser centrado no “avaliar para promover”, promover a cidadania do aluno, dando dignidade, não uma avaliação feita pelo meio escolar, mas uma que o desenvolva moral e intelectualmente. Fazendo isso, estaremos promovendo sim a aprendizagem, aprendizagem esta que deve ser o foco central da educação. Avaliar para promover, não para reter conhecimentos. A escolar tem que desenvolver para os dias de hoje uma nova cultura avaliativa, pois é preciso que se fundamentem princípios, muito mais do que se transforme metodologias. Ora, as metodologias são frutos da avaliação, onde se percebe o que fazer e quando se fizer, quando a avaliação está sendo feita para produção de bons frutos, para se detectar onde se estar errando e como voltar aos acertos.

O primeiro princípio, então, é o de uma avaliação a serviço da ação. Toda investigação sobre a aprendizagem do aluno é feita com a preocupação de agir e de melhorar a sua situação. Uma avaliação que prevê a melhoria da aprendizagem. O segundo princípio é o da avaliação como projeto de futuro. A avaliação tradicional justifica a não aprendizagem, olhando para o passado e não se preocupando com o futuro, porém o processo deveria ser o professor interpreta a prova não para saber o que o aluno não sabe, mas para pensar em quais estratégias pedagógicas ele deverá desenvolver para atender esse aluno.

Fundamentos que deveriam ser levados em conta na hora da avaliação seriam os éticos, pois a avaliação vai muito mais além do conhecimento de um aluno, pois muitas vezes

os alunos que apresentam mais dificuldades em sala de aula, são os mais desatendidos. O que deve ser feito deveria ser o contrário: os alunos que apresentam necessidades especiais deveriam ser atendidos de forma especial. Aqui a avaliação contínua seria ideal, pois exige muitas tarefas que possibilitam várias oportunidades de expressão do aluno, pois os alunos precisam ter várias oportunidades de expressar seus conhecimentos. Esteban já comentava sobre isso quando falou: “a avaliação é um dos eixos centrais da educação, porque através dela é que se pode ir equilibrando esse processo, tendo algumas contribuições durante o próprio processo e não apenas após o seu efeito já estabelecido, já visualizado, enfim, pode-se ir regulando as próprias práticas pedagógicas”. (2001, p. 187)

Seria interessante a utilização de atividades interativas, pois muitos alunos constroem seus conhecimentos se relacionando com seus colegas.

A lei determina que a verificação do rendimento escolar seja feita a partir de uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, não esquecendo a avaliação formativa, onde os aspectos qualitativos prevalecem sobre os quantitativos, afirma Ludke. (2005)

Neste sentido, a luta por uma escola para todos somente poderá ser consequente quando a escola for, além de um local de aprendizagem, um local de tomada de consciência e de luta contra as desigualdades; quando a escola encontrar seu lugar formativo/instrutivo. Além de conteúdo, a escola deve ensinar novas relações com as pessoas e com a natureza.

A mesma autora diz ainda que, em vez de a função integradora, a avaliação passa a ser usada como sutil recurso para manter os alunos oriundos de camadas sociais desfavorecidos em posição também pouco favorecidos.

A avaliação acontecerá em organização e estará voltada à prevenção dos insucessos interpessoais de aprendizagem e para a manutenção de um ambiente harmonioso no seu âmbito de atuação, abrangendo o individual e o coletivo, trabalhando internamente e externamente através de contrato direto ou indireto com o aluno no seu contexto.

Esteban (2001) aponta a necessidade de uma nova cultura de avaliação que ultrapasse os limites da técnica e incorpore em sua dinâmica a dimensão ética, transformando a avaliação num processo de reflexão e investigação sobre e para a ação! Afirma ainda, que o grande desafio é construir uma avaliação capaz de dialogar com o real, criando novos laços entre saberes e fazeres.

A avaliação não resolve, mas sem dúvida é necessário que sejam construídos procedimentos mais democráticos de avaliação, que possam sintonizar com o movimento de democratização da escola e da sociedade. Avaliação é prática de

inclusão. A teoria não é guia da ação; é parte da ação. O desenvolvimento teórico se entrelaça à prática e toma como objeto de reflexão as consequências sociais de seus resultados (...). A teoria é aceita como prática social." (ESTEBAN, 2001, p.167)

Renovação do senso comum: não negá-lo, mas realimentá-lo e reconstruí-lo permanentemente. Aí que se deve ser feito com responsabilidade de forma renovada buscando melhoria no processo ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO II- TIPOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a avaliação é contemplada, especificamente, nos itens V, VI e VII, do art. 24. A avaliação também aparece no Art. 13 entre as responsabilidades dos docentes, principalmente nos itens III a V. “Nos demais itens deste artigo outros aspectos podem ser também inter-relacionados à avaliação, demonstrando quão ela é significativa na função docente”. (REZENDE; SANTOS; OLIVEIRA, s/d, p. 02)

Conforme tais artigos, o processo de avaliação deve ter como “objetivo detectar problemas, servir como diagnóstico da realidade em função da qualidade que se deseja atingir. Não é definitivo nem rotulador, não visa a estagnar, e sim a superar as deficiências”. (id)

Quem utiliza procedimentos de avaliação objetivando apenas atribuir notas aos alunos e comunicar as famílias, atua ao contrário da visão acima. Ora, tais notas, desse modo, não geram mudança nas aulas anteriormente planejadas, legitimando o caráter retrospectivo da avaliação no lugar do prospectivo, percebendo os resultados (notas) da avaliação como se fosse um retrato do que foi o processo, e não como dados importantíssimos para saber como deve ser daí em diante. (REZENDE; SANTOS; OLIVEIRA, s/d)

Tais comportamentos revelam uma concepção limitada de avaliação. O professor já cumpriu seu trabalho de ensinar; a prova seria o momento de verificar se o aluno cumpriu o seu: estudar a matéria ensinada e saber lidar com ela numa situação de risco. Em consequência, as desigualdades no rendimento dos alunos passam a ser atribuídas apenas ao esforço e ao mérito de cada um, e são consideradas naturais as eventuais reprovações de determinados alunos que não tenham conseguido atingir os resultados esperados. (id)

A partir do que foi apresentado até agora, podemos pensar a avaliação a partir de duas perspectivas e/ou modelos: a visão tradicional, que percebe o aluno como passivo e o professor como detentor e transmissor do saber, objetivando a retenção dos conteúdos da aprendizagem, sem possibilitar a crítica da realidade que o cerca; e a visão inovadora, onde o aluno tem papel ativo e o professor é um mediador, legitimando a ênfase na exploração e na descoberta, e objetivando a apropriação e compreensão dos conteúdos e o desenvolvimento do raciocínio e do pensamento. (REZENDE; SANTOS; OLIVEIRA, s/d)

A partir daí, podemos classificar a avaliação de acordo com suas funções:

Função Diagnóstica: tem enquanto um dos objetivos básicos identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo nível e aprendizagem. Essa avaliação acontece geralmente no começo do ano letivo, onde o professor verifica os conhecimentos prévios dos alunos.

A avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. (REZENDE; SANTOS; OLIVEIRA, s/d, p. 07)

Função Formativa: é a forma de avaliação em que a preocupação central reside em coletar dados para reorientação do processo de ensino aprendizagem. A avaliação formativa não deve assim exprimir-se através de uma nota, mas sim por meio de comentários.

Representa o principal meio através do qual o estudante passa a conhecer seus erros e acertos, assim, maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos. Outro aspecto destacado é o da orientação fornecida por este tipo de avaliação, tanto ao estudo do aluno como ao trabalho do professor, principalmente através de mecanismos de feedback. Estes mecanismos permitem que o professor detecte e identifique deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo. A avaliação formativa visa informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação. (id)

Função Classificatória/Somativa: como o próprio nome indica, tem como objetivo representar um sumário, uma apresentação concentrada de resultados obtidos numa situação educativa.

A avaliação somativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já colhidos por avaliações formativas e obter indicadores que permitem aperfeiçoar o processo de ensino. Corresponde a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre o qual, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares. (id)

Para Luckese (2000, p. 09):

Para avaliar o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos. A avaliação não prioriza o resultado ou o processo: como prática de investigação, interroga a relação ensino/aprendizagem em sua complexidade e busca identificar os conhecimentos e desconhecimento dos que estão em diálogo.

O professor deve levar em conta o todo, as respostas certas ou erradas. É, simultaneamente, um ponto de partida para uma investigação sobre onde estar e para onde pode-se ir a avaliação, podendo mostrar os conhecimentos já elaborados e um novo ponto de partida, por possibilitar novos questionamentos.

A avaliação oferece elementos para uma melhor compreensão do movimento vivido, tanto individual quanto coletivamente, no processo de aprendizagem em uma sala de aula,

contribuindo para a elaboração de propostas e métodos que possam alimentar o processo de construção de conhecimentos. O erro pode significar um novo caminho para o acerto, basta utilizarmos uma avaliação que vá além dele.

Quanto aos instrumentos usados para avaliar, a questão da perspectiva técnica da avaliação vem sendo bastante criticada porque, tradicionalmente, o que se tem em torno da discussão da avaliação são os instrumentos e os procedimentos.

Quais são os melhores instrumentos de avaliação? Em que circunstâncias, como é que é o procedimento numa situação ou noutra? Então, fica-se na questão técnica. Como fazer? Não se tem tão consolidada, na discussão sobre avaliação, o próprio sentido da avaliação e o sentido do processo educacional que está sendo implementado, que está sendo proposto.

Para se avaliar é necessária à utilização de instrumentos de avaliação capazes de avaliar, instrumentos estes que muitas vezes são pré-determinados pela instituição de ensino a que se estar vinculado, mas, na prática, muitas vezes os professores deixam de detectar os possíveis avanços de seus alunos utilizando uma avaliação que condena, reprova e desfaz o que muitas vezes poderia ser aprendido. A avaliação deve ser usada como um instrumento que ajuda, onde não só o professor, mas o aluno encontre no erro novas possibilidades de aprendizagem. Esteban (2001) cita em seus trabalhos que:

Não acreditamos que a escola possa transformar a sociedade. Tampouco acreditamos que uma sociedade excludente como a nossa possa deixar de produzir fracasso escolar. No entanto, acreditamos (...) que é possível instaurar práticas que atuem no sentido da transformação da escola como parte do processo de transformação social.
(p. 187)

A escola em si não seria capaz de mudar o mundo, nem tão pouco um professor, mas cada um, juntamente com a escola como um todo, poderia restaurar as práticas de avaliação, utilizando não só como instrumento de reprovação, mas de inclusão.

Existem diversos recursos disponíveis para agregar o processo de avaliação. Porém, esse processo deve ser composto por mais de um desses instrumentos. Dentre os instrumentos disponíveis, salientam-se os seguintes:

- ✓ Pré-teste;
- ✓ Autoavaliação;
- ✓ Observação;
- ✓ Relatório;
- ✓ Prova;
- ✓ Questionário;

- ✓ Discussão em grupo;
- ✓ Acompanhamento;
- ✓ Estudos de caso (análise de estudo de casos como objetivo de identificar como o aluno responde a avaliação);
- ✓ Fichas de avaliação de problemas (trabalhar com modelos de fichas de avaliação) etc.

A utilização dos instrumentos deve ser adequada ao contexto em que o professor se encontra. Por exemplo, aulas com muitos alunos inviabilizam a avaliação por observação ou acompanhamento.

A prova não pode ser vista como a única forma de avaliar. As provas não são elaboradas com a “competência” devida; segundo, porque o uso de um único instrumento para avaliar todo um processo é, de fato, insuficiente no sentido de fornecer as informações de que o professor precisa para ajudar seu aluno a superar as dificuldades durante o processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, não basta abolir ou aderir a esse instrumento, é preciso entender que a avaliação precisa estar a serviço da aprendizagem. (MENDES, 2006 *apud* (REZENDE; SANTOS; OLIVEIRA, s/d, p. 08)

Segundo os autores acima, a avaliação deve permitir ao aluno que demonstre o seu conhecimento - um conhecimento que é sempre global e abrangente.

CAPÍTULO III- O PROFESSOR EXERCENDO O SEU PAPEL DE AVALIADOR

O professor, na função de avaliador, foi durante muito tempo um julgador e, de certa forma, ainda permanece como tal. A avaliação é julgamento? É, mas não é só julgamento. É julgar o valor do que se viu para o quê. A avaliação é julgamento, mas é, fundamentalmente, ação.

Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Por isso, é realizada individualmente, cada um faz a sua própria reflexão e, em conjunto, professor/aluno, e demais envolvidos no processo avaliativo, com o objetivo de analisar as hipóteses levantadas e decidir sobre as providências necessárias.

Os cursos de licenciatura não formam professores para o exercício cotidiano docente, que os obriga a lidar com muitos alunos e suas diferenças. Também, o professor nem sempre é bem preparado para o exercício do magistério da sua disciplina. Mesmo conhecendo bem a sua matéria, não consegue ensinar e nem acompanhar o processo de aprendizagem. Esta má formação muitas vezes tende a dificultar o processo de avaliação, provocando no professor e no aluno frustração, pela impressão da falta de capacidade em relação o desenvolvimento cógico do aluno nos anos iniciais dos seus estudos. Segundo Melchior:

A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados. Ela só faz sentido na medida em que serve para diagnosticar e refletir de forma honesta e transparente, sobre resultados que estão sendo buscados e obtidos, entre todos os elementos envolvidos no processo, considerando que os indivíduos constroem seus conhecimentos na dinâmica das relações dialogais, que são permeadas por contradições, argumentações trocas e buscas, a avaliação do processo de ensino e a aprendizagem é essencial tanto para o aluno como o professor (MELCHIOR 1999, p.14)

Para ambos as partes envolvidas, professor/aluno, a avaliação se caracteriza fundamentalmente, pelo processo, constante diálogo, acompanhando passo a passo o processo ensino-aprendizagem.

A avaliação do aluno, assim, constitui-se num dos elementos de interação entre professor/aluno, muito embora não seja o único. Acredita-se não ser suficiente o estabelecimento de critérios que apenas busquem apreender a evolução cognitiva dos alunos. Ao contrário, a avaliação deve ser contínua, observando-se o desenvolvimento diário dos alunos, não só em termos de assimilação de conteúdos, como também em relação a postura ou atitudes sociais que serão por eles desenvolvidas à medida que estudem os conteúdos.

É interessante lembrar que a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor e suas relações com o aluno, ou seja: o professor se relaciona e interage com o aluno, por ser um processo dialético e interativo.

É de grande importância que o aluno tome consciência do resultado obtido mediante seu esforço, seu empenho, não só pelo prazer do objetivo a ser alcançado, mas para que ele desperte interesse em exercitar suas competências, potencialidades, para futuras aprendizagens. As atividades avaliativas contribuem para o desenvolvimento intelectual social e moral do aluno.

Ora, a avaliação é um processo íntegro do crescimento pessoal do aluno, e não apenas demonstração externa de seu desempenho escolar, em função de uma nota ou conceito. Devemos levar em conta o compromisso assumido por nós professores, pois avaliar é muito mais que conhecer os alunos, é reconhecê-los como pessoas que merecem respeito. O que devemos perceber é que, na verdade, o professor é um aprendiz no processo de avaliação, e que os alunos devem ser avaliados como um todo, fazendo-se um estudo de causa, não só conceitos escolares, mas elevando-se em conta a vivência, o histórico de vida deste aluno que está sendo avaliado, e só assim o professor vai conseguir ajudar e orientar.

O professor tem que fazer uma avaliação ampla, colhendo e registrando informações de cada aluno durante todo o processo, para poder identificar as dificuldades de cada um.

A pretensão é que os alunos, mesmo no contexto de uma prova, possam aprender a serem desafiadas por intermédio de questões cujas respostas requeiram análises, compreensão, tomada de decisão, questões bem formuladas e instigantes. Demo (2004, p. 04) sugere que: “empurrando o aluno de qualquer maneira para cima, não se leva em conta o direito de aprender”.

A avaliação tem um sentido muito amplo, vai, mas além do que a aplicação de uma técnica ou a atribuição de uma nota.

Tratando-se dos diferentes meios do processo de avaliação escolar, o professor tem dificuldades e, quase sempre, não tem preparo sobre como avaliar, pois a falta de capacitação, nesta área acarreta prejuízos aos alunos, uma vez que as possibilidades de avanços são mínimas, em virtude de vários fatores que amplificam no processo avaliativo.

Muitos professores não percebem estar justamente deixando se levar por essa prática avaliativa classificatória, comprometidos com resultados numéricos, omite-se em auxiliar o aluno e resolver suas dificuldades ou avanços no seu conhecimento. A avaliação, então, não deverá ter resultado único, pois há sempre um processo, um vir a ser.

O professor tem que manter o foco no seu próprio aprendizado, onde se faz necessária uma constante mudança de metodologias, pois quando se está avaliando, se percebe erros que devem ser corrigidos no decorrer do progresso, não podendo deixar que o aluno progrida também sem sanar problemas, tanto na parte escolar, como na parte pessoal. O professor, neste caso, não pode se fazer indiferente aos problemas do aluno.

Entretanto, refletir em conjunto com o aluno sobre o objeto de conhecimento significa desenvolver uma relação dialógica, pois essa relação vai gerar o conhecimento como aprimoramento do saber por ele e pelo professor, como ação, reflexão, que se passa dentro da sala de aula em direção a um saber aprimorado. “A avaliação deve ser usada sempre para melhorar, nunca para eliminar seleciona ou segrega”. (MANDEIPÁTIO, 2005, p. 270)

Atualmente, algumas escolas apresentam a avaliação ainda de forma tradicionalmente conhecida, como realização de testes e provas quase sempre sem haver preocupação com o aprendizado do aluno. Desse modo, algumas dúvidas surgem quando se passa no real conceito da avaliação da aprendizagem, e a forma como deve ocorrer essa avaliação para garantir que o aluno aprenda o que está sendo proposto. Dai poderíamos pensar na questão: como poderíamos traduzir uma vivência com uma pessoa em números? Como também fazer um teste escrito para um aluno ele dele detectar todo aprendizado dele em meses?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos reflexivos e da prática utilizada pelo professor no processo avaliativo da aprendizagem, verificamos que se faz necessário oportunizá-lo estudos que favoreçam uma melhor atuação na realização das tarefas avaliativas.

Através de análises, pode-se observar que o maior obstáculo do educador está em observar e detectar as dificuldades de cada para poder investir e promovê-lo, ressaltando-se a nota como consequência do trabalho desenvolvido.

O processo avaliativo deve passar pelo qualitativo e quantitativo e registros sobre o desempenho do aluno. A partir de uma análise desses registros o professor pode e deve fazer intervenções constantes para favorecer a aprendizagem e o crescimento de cada aluno.

Apesar da resistência enfrentada pela não presença da família na vida escolar do aluno, outro ponto importante são as reuniões que tem o objetivo de interagir os pais no processo educativo, introduzindo-os no acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento dos filhos e não das notas.

Observa-se, também, que parte dos educadores atua de forma errônea quando se trata de avaliar a aprendizagem dos alunos e que o discurso se contradiz com a prática. É necessário refletir sobre os nossos discursos, para pô-los em prática nas nossas ações.

Percebe-se que a ausência de conhecimentos teóricos com relação as modalidades de avaliação contínua e diagnóstica é algo que preocupa e chama atenção de muitos professores, embora seja inegável que avaliar é coisa incômoda e sempre injusta. Ainda, assim, é imprescindível esses conhecimentos para o professor que assume verdadeiramente o compromisso técnico e ético de garantir que seu aluno aprenda bem.

Entende-se que este estudo poderá servir de base para auxiliar os educadores a apresentarem sua postura e sua prática de avaliar.

Enfim, para que a avaliação participe do processo de democratização e da melhoria da qualidade da aprendizagem do educando, é preciso modificar a sua utilização e transformá-la de classificatória para diagnóstica, ou seja: a avaliação deverá ser assumida como um instrumento para que o professor compreenda o estágio da aprendizagem em que se encontra o aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Ministério da Educação e do Desporto: secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1996.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1997.

DEMO, P. **A avaliação sob o olhar propedêutico**. Lógica de democracia da educação. Avaliação qualitativa. Campinas: Papirus, 1996.

ESTEBAN, M. T. **A avaliação no cotidiano escolar**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GONÇALVES, A. **Os desafios da avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**; Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ANDREIA%20GONCALVES.pdf>> acesso em: 10 de março de 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIBANEO, J. **A avaliação no cotidiano escolar**. São Paulo: DP&A, 1994.

LUCKESI, C. C. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELCHIOR, M. C. **Avaliação Pedagógica – função e necessidade**. Mercado Aberto, 1993.

MENDEZ, J. M. A. A avaliação em uma prática crítica. **Revista Pátio**, Maio/junho, 2005.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vgotkiana. In: AQUINO, J.G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1996. p. 83-102.

REZENDE, M. S. C.; SANTOS, M. M.; OLIVEIRA, M. C. de. Avaliação escolar: alguns debates. Disponível em: http://www.catolicaonline.com.br/semanapedagogia/trabalhos_completos/AVALIA%C3%87%C3%83O%20ESCOLAR-%20ALGUNS%20DEBATES.pdf. Acessado em: 03 mai. 2014.

TYLER, R. W. General statement on evaluation. **Journal of Education Research**, 35, 492-501, 1934.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBARTIGOS, A avaliação como processo de construção de conhecimento nas séries iniciais do ensino fundamental. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/avaliacao-como-processo-de-construcao-do-conhecimento-nas-series-iniciais-do-ensino-fundamental/54980/>>. Acesso em: 10 de março de 2014.